

Livro de Poemas

Ivily Lima da Silva-NTE 07

Colégio Estadual Luis Eduardo Magalhães

Quinhentismo (1500 – 1601)

Poemas de José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,

Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,

Pois que sois suma riqueza,

Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso

E de graça mui colmado,

Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,

Dizei-me, santo Menino,

Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,

Em que jazo embrulhado,

Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,

Pois sois Deus de eternidade,

Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem

E te dar eterno estado,

Tal me fez o teu pecado.

Barroco (1601 – 1728)

Todo Gregório de Matos Guerra O todo sem a parte
não é todo;

A parte sem o todo não é parte;

Mas se a parte o faz todo sendo parte,

Não se diga que é parte, sendo todo.

Arcadismo (1768 - 1836)

Amor a Amor Nos Convida

Com dura e branda cadeia,

Com facho ativo e suave,

De seus mistérios coa chave,

Amor entre nós volteia:

Já deprime, já glorieia,

Já dá morte, já dá vida;

E nesta incessante lida,

Que em si traz, que em si contém,

Com o mal, e com o bem,

Amor a amor nos convida.

Romantismo (1836 – 1881)

Se Eu Morresse Amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos

Fechar meus olhos minha triste irmã,

Minha mãe de saudades morreria

Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!

Que aurora de porvir e que manhã!

Eu perdera chorando essas coroas

Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva

Acorda ti natureza mais louçã!

Não me batera tanto amor no peito

Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora

A ânsia de glória, o dolorido afã...

A dor no peito emudecera ao menos

Se eu morresse amanhã!

Parnasianismo (1882 - 1922)

A UM POETA

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, no silêncio e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica, mas sóbria, como um templo grego.
Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:
Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.
(Tarde, 1919.)

Simbolismo (1893 - 1922)

Acrobata da dor Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
agita os guizos, e convulsionado
salta, gavroche, salta clown, varado
pelo estertor dessa agonia lenta ...

Pedem-se bis e um bis não se despreza!

Vamos! retesa os músculos, retesa
nessas macabras piruetas d'aço. . .

E embora caias sobre o chão, fremente,
afogado em teu sangue estuoso e quente,
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

Pré-Modernismo (1902 - 1922)

Pronominais Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.

Oswald de Andrade

